

# Gastar dólares, mas gastar bem

*Economia - Brasil*

Roberto Segatto \*

**V**amos gastar nossos dólares! Mas vamos gastar nossos dólares bem: ativando a economia e gerando empregos. Isso não é uma missão impossível. Basta dar aos nossos produtos o mesmo tratamento que muitos países desenvolvidos dispensam aos seus, quando querem exportar, inclusive para o Brasil. Não estamos pedindo "protecionismo", acalmem-se os defensores da "livre" importação, mas tão apenas isonomia, igualdade de tratamento.

Pois vejamos: por sermos um país carente de capitais e com a agravante de possuímos uma balança comercial constantemente deficitária, as nossas importações precisam ser selecionadas obedecendo a um rígido critério de prioridades. É claro que, como membro da Organização Mundial de Comércio (OMC), o Brasil não pode, nem seria indicado,

criar barreiras tarifárias. Mas convenhamos que daí até a criação de barreiras não-tarifárias vai uma longa distância.

Vamos ser claros: as acusações de dumping, as proteções fitossanitárias, patentes e outros parecidos tão conhecidos por todos nós são instrumentos praticados em larga escala por quase todos os países signatários da OMC. E o que fazemos quando nossos produtos são barrados lá fora com essas alegações? Absolutamente nada! O que fazemos quando recebemos produtos subfaturados e em condições negativas para o consumo? Nada! Aliás, aqui vai uma sugestão: perguntem aos fabricantes nacionais, principalmente de ferramentas manuais e hidrômetros, o que acham disso tudo? Com certeza a resposta será de arrepiar os cabelos. E o que fa-

zem nossas autoridades? Nem é preciso dizer novamente!

Para fazer justiça, podemos lembrar o grande esforço da Receita Federal para tentar barrar irregularidades nas importações.

Mas sabemos que faltam equipamentos e sincronia com outros setores para que o trabalho final seja mais ágil e profundo. Sendo assim, senhores empresários, resta-nos solicitar com urgência que o

Brasil adote já essas mesmas práticas utilizadas pelos países desenvolvidos.

Exemplo: os Estados Unidos são uma grande escola para ensinar a arte de como importar bem, apenas de quem interessa (a eles, é claro!) ou querem agradar. Portanto, deixemos os belos discursos de lado e sejamos práticos. Em primeiro lugar, gastando nosso rico dinheirinho em máquinas

e equipamentos de primeira geração, comprovadamente sem similar nacional. Depois, em matérias-primas nitidamente estratégicas, tecnologia de ponta, e assim por diante.

E muita atenção quando aportarem por aqui superfluos. Eles devem ser barrados com as mesmas artimanhas usadas pelos citados países desenvolvidos, dependendo dos resultados de uma análise rápida e eficaz, que demonstrem que suas fórmulas contêm produtos nocivos, que em seus rótulos não constam a informação X, Y ou Z, que são produzidos com trabalho infantil ou outras desculpas tão bem articuladas pelos experts (esper tos?) em política de comércio exterior — de lá, é claro! Aliás, é oportuno lembrar que estamos agora mesmo sendo pressionados nas exportações de suco de laranja sob a alegação de que crianças trabalham na colheita da fruta.

Também produtos como canivetes, canetas, espelho, pinças, lanternas e outras centenas de quinquilharias que chegam em grande escala da Ásia precisam receber tratamento equivalente à sua utilidade. Não temos dúvida de que, fazendo essas correções de rumo, estaremos gastando bem nossos dólares, aí sim aplicados na geração de riquezas, aqui dentro do Brasil, com a criação de produtos de baixo custo (e, portanto, competitivos para os mercados interno e externo), criando os tão desejados novos empregos, consumindo nossas matérias-primas, em resumo ativando nossa economia. O bom senso com certeza evitará que a única contra-indicação — a criação de reservas de mercado gerada pelo excesso de proteção ao produtor nacional — seja evitada. ■

\* Economista, presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (Abracex).

**A Receita Federal fez um grande esforço para impedir as irregularidades**